

DISCURSOS

DE

GABRIELLA SIMON

E

LILIANA SIMON

PREZADOS PROFESSORES, ALUNOS, FUNCIONÁRIOS, AMIGOS E TODOS AQUI
PRESENTES:

Agradeço a oportunidade de poder dizer algumas palavras sobre o Imre.

Sendo a esposa e companheira do Imre por mais de 45 anos, eu tive o privilégio de acompanhá-lo na sua trajetória profissional, desde o começo, ainda na faculdade, como aluno da Poli.

Não há dúvida de que, quando pensamos no Imre, é difícil separá-lo do computador, que foi o seu companheiro por pelo menos tanto tempo quanto eu, talvez até mais.

O Imre adorava o seu trabalho; ele o fazia com uma paixão e fascínio que poucos tem a sorte de ter. Ele acreditava e lutava pela educação e pelo acesso livre à informação. Mais do que tudo, ele adorava ver as gerações mais novas crescerem e florescerem. Ele tinha um orgulho imenso dos sucessos de seus alunos.

Ele dedicou seus últimos anos a tentar entender e explicar academicamente os impactos sociais, econômicos e culturais do computador e da Internet.

Outra característica que definia o Imre era a união, tanto profissional, como familiar. Na ala profissional, ele também acreditava na prática de atividades multidisciplinares, realizadas sempre em equipe. Na ala pessoal, o Imre sempre foi um elo importante, mantendo a família muito unida.

Neste sentido de união, junto com a nossa família: Madalena, mãe de Imre e nossos filhos Claudio, Liliana e Natan, é com grande honra e orgulho que eu recebo esta homenagem para o Imre.

Nós temos certeza que ele ficaria muito honrado e feliz com este título que lhe foi concedido. Este título é para o Imre, porém ele não teria chegado aqui sozinho. Gostaríamos de compartilhar este título com todos que participaram da sua

carreira profissional: aos seus mestres, colegas, colaboradores e alunos, no Brasil e no exterior.

Esperamos que o seu legado continue vivo, passando de geração em geração; que ele se espalhe livremente seguindo a idealização do Imre na distribuição da informação e da educação.

Muito obrigada!

Gabriella Simon

Esposa de Imre Simon

IMRE, O MEU QUERIDO PAI!

Gostaria de falar algumas linhas sobre as minhas lembranças do meu pai, de como elas progrediram com o tempo, e de como o Imre influenciou a minha vida. Eu aqui falo do meu pai, mas não posso deixar de ressaltar que a minha mãe, Gabriella, estava muitas vezes na surdina em tudo isso.

IMRE! Ainda muito pequena lembro que não gostava do seu nome; eu mesma não conseguia falar Imre direito; por que ele não se chamava João ou Paulo, ou algo mais “normal”? Mas, no final, o seu nome diferente nos deu motivo de muitos risos em família. Lembro que o Imre decidiu achar nomes brasileiros para cada uma das letras do seu nome, e então surgiu o "Inês, Maria, Raquel, Ernesto"; que alguns ou vários de vocês já ouviram. Algumas vezes, as pessoas não entendiam que ele só estava soletrando IMRE, e perguntavam: mas o senhor tem, mesmo, todos esses nomes? Outra pessoa o chamou de Sr. Desafio, quando o Imre disse que era um desafio saber o seu nome... apesar das dificuldades, precisamos encontrar humor nas coisas.

Um das primeiras lembranças que tenho do Imre é de esperá-lo retornar para casa do trabalho, para poder brincar um pouco com ele antes de ir dormir. Mais tarde, já como adulta, vi o meu pai brincando com as suas netas, e então pude relembrar alguns momentos da minha infância. Eu descobri nele uma pessoa que adorava crianças; ele passava horas tentando acalmar as netas, cantando e passeando até elas adormecerem. Agora penso no Imre quando eu estou colocando as minhas meninas na cama; me lembro da paciência e do carinho que ele tinha, me enrolando nos cobertores nas noites frias que passamos no sítio. O Imre também cativava as netas já um pouco mais velhas, naquela fase dos 2 aos 5 anos, onde a confiança inicial da criança não existe se a pessoa não lhes é familiar. Em questão de poucos minutos, o meu pai conseguia

conquistá-las, e lá estava ele no chão brincando com elas; não sei quem estava mais feliz — eu acho que era o Imre.

Eu sempre gostei muito de estar com ele, mas me lembro que o meu pai estava ausente mais do que eu queria. Porém, eu acho que essa é a sensação da maioria das crianças, que sempre esperam ter a exclusividade dos pais. Ler as boas memórias do Hélio como aluno nas aulas de domingo, preparatórias para a Olimpíada de Matemática, me trouxe conforto ao aprender que esse tempo longe de nós foi bem aproveitado por outros. O Imre certamente valorizava o seu trabalho e nos ensinou seriedade e responsabilidade. Também nos ensinou que é muito importante a gente fazer o que gosta; ele amava o que fazia! Quando ele se aposentou, achei que ele iria passar mais tempo conosco. Mas, na verdade, ele me disse que se aposentou para ter mais tempo para trabalhar nas coisas de que mais gostava. Ele sempre dava uma escapadinha nos finais de semana, nas férias ou até mesmo em reuniões familiares para trabalhar um pouco. Tivemos uma grande reunião familiar na casa do Claudio, meu irmão mais velho, em Julho de 2008. Depois de algum tempo, eu estava frustrada que, apesar de estarmos todos juntos, o Imre não largava o seu computador. O Claudio então me disse: “Simples! Você quer que ele se junte a nós? Eu vou desconectar a internet, e você verá, que em menos de 2 minutos, ele estará aqui perguntando o que aconteceu...” No segundo semestre de 2008, na fase do diagnóstico e tratamento do câncer, tudo era escolhido para conciliar com os horários das aulas que ele dava. Ele queria estar o melhor possível para lecionar o curso que ele tanto prezava. O Imre conseguiu terminar de dar este curso, o que foi uma realização muito grande para ele. Dado o diagnóstico de câncer já avançado, o seu maior ressentimento era que ele não teria mais 10 anos para terminar os seus trabalhos já começados. A verdade é que eu acho que 10 anos não teriam sido suficientes, pois conhecendo o Imre, eu sinto que ele sempre teria um novo trabalho em mente.

Por outro lado, esse mesmo trabalho que nos roubou o pai de vez em quando, nos abriu horizontes, mostrando um mundo sem fronteiras. Para começar, eu nasci no Canadá enquanto o Imre fazia seu doutorado. Eu tinha muita curiosidade e vontade de ir conhecer aquele país. Me lembro de algumas viagens que fizemos, acompanhando o meu pai, que foram decisivas para o meu futuro. As semanas passadas no Colóquio

de Matemática, em Poços de Caldas, no Palace Hotel, quando eu era ainda menininha, abriram um mundo mágico para mim. A viagem que mais me marcou foi a ida à França em dezembro de 1979. Nós ficamos lá por 6 meses, e eu tive a oportunidade de interagir com um mundo novo, uma nova língua e cultura. Ao mesmo tempo, eu também estava levando a minha bagagem comigo, mostrando e ensinando, com orgulho, um pouco do Brasil. Depois de formado, o Claudio foi buscar seu doutorado em Ann Arbor, Michigan; e eu, depois de terminar a residência médica em Pediatria na USP, fui para Dallas, Texas, para fazer uma subespecialização. Mesmo assim, eu ainda mantinha o sonho de infância de conhecer a minha terra natal, o Canadá, e reviver a minha experiência na França; fui então passar mais dois anos estudando em Montreal. Também era e é maravilhoso mostrar, com orgulho, o Brasil para os visitantes de fora. Eu gostaria de um dia poder dar às minhas filhas a oportunidade que me foi dada como criança de aprender que essa troca de culturas é muito positiva.

Mas com tudo isso, o meu pai também conseguiu nos passar a importância da família. Eu era ainda garotinha quando o Janos, o irmão mais novo do Imre, faleceu. Eu estava passando o feriado prolongado na casa de uma amiga da escola. Apesar de opiniões contrárias na família, o Imre fez questão de ir me buscar, para estarmos juntos neste momento difícil. Mas ele me ensinou que precisamos compartilhar, em família, não só os momentos tristes, mas os felizes também. Outro fato marcante na minha vida e muito influenciado pelo Imre, aconteceu a 10 anos atrás, quando a Madalena, minha avózinha muito querida, estava completando 80 anos. O meu pai, com muito orgulho, estava organizando uma bem merecida comemoração. Eu já estava morando em Dallas, e eu não planejava vir para o Brasil: todas as dificuldades de uma viagem internacional e, afinal, eu já tinha vindo alguns meses antes para o casamento do Claudio. Uma semana antes da festa, o Imre me disse: “Venha para a festa, mesmo se for só para o final de semana, venha sexta à noite e volte no domingo à noite; eu pago a tua passagem”. Eu vim (e paguei a minha própria passagem), e foi a melhor decisão que fiz! Eu aprendi que, realmente, há momentos onde estar com a família é importantíssimo e insubstituível. O balanço entre a vida profissional e pessoal é fundamental.

Outro princípio importante que o Imre me deixou, mas que eu só reconheci re-

centemente, foi o de saber guiar as pessoas sem se impor demais. Agora que tenho filhos, sei que não é fácil quando eles querem fazer algo contrário ao que achamos ser o certo, ou melhor para eles. Aprecio agora a tranquilidade do meu pai, e o apoio que ele me deu nos momentos críticos de decisão profissional: na escolha da carreira no final do colegial, na decisão de ir continuar os estudos no exterior, e depois de ficar no exterior longe da família. Lembro que o Imre uma vez me disse: olha, se você me perguntar o que eu acho, mesmo, a minha resposta será sempre a mesma: eu vou dizer que você deve voltar ao Brasil, e ficar aqui pertinho de mim; mas, eu sei que essa é uma resposta egoísta, e você não deve considerá-la na sua decisão. Mais tarde, quando estava contemplando sair da Yale e largar a carreira acadêmica, ele também não expressou as suas opiniões contrárias; eu sabia que, para ele, a minha posição de professora da Yale era motivo de orgulho e satisfação. Porém, no final, ele também sabia que o balanço era importante, e que eu precisava achar algo que funcionasse para mim.

Por último, eu vou falar do mais recente ensinamento do Imre. Eu me aproximei muito dele nesse último ano. A família ficou mais forte, especialmente o nosso caçula, o meu irmãozinho Natan, que cresceu muito de um minuto para o outro. Foi um ano triste e de muita angústia para todos, já que antecedíamos o inevitável. Mas, foi também, um ano de muito amor e compreensão. Eu tive a oportunidade de conhecer, e conversar com o meu pai como “gente grande”. O Imre, sem querer, me ensinou a amar a vida e cada momento de uma forma especial, venha o que vier pela frente. Eu espero poder seguir a minha vida me lembrando deste bom pai que ele foi, e de todo o carinho e ensinamento que ele nos deu; eu quero lembrar dele com um sorriso, nos encorajando a prosseguir e encontrar a nossa felicidade.

Liliana Simon

Médica, Terapia Intensiva Pediátrica
Shady Grove Adventist Hospital, Maryland, EUA